



AUTOMAÇÃO NECESSÁRIA

Quando o assunto é industrialização, duas imagens me vêm à mente, retidas na minha infância e adolescência. A primeira é a da via Dutra, a rodovia que liga São Paulo ao Rio de Janeiro. Aos seis anos de idade corri o risco de ser acometido por lesão cerebral definitiva, por um acidente doméstico. Morando numa cidade pequena e religiosa, a comunidade de vizinhos, parentes e amigos se reuniu em torno de novenas e rezas, pedindo pelo meu restabelecimento. O acidente deixou sequelas, que foram desaparecendo lentamente ao longo da década seguinte. Também deixou algumas promessas religiosas, feitas para eu cumprir. Uma delas era assistir uma vez por ano à missa das cinco horas da manhã, ao lado do meu pai e da minha mãe, em Aparecida do Norte.

Para cumprir a promessa, visitei Aparecida do Norte anualmente, desde quando eu tinha sete até 16 anos de idade. E ainda passo ali uma vez por ano, sempre durante um dia de semana, quando está muito vazia. Isso me traz um sentimento de paz plena. Ao visitar a Basílica de São Pedro e arredores, no Vaticano, ali nada encontrei de emoção, leveza, alma, como encontro na Basílica de Nossa Senhora Aparecida. No Vaticano, o sentimento foi outro: poder, riqueza, ostentação, valores terrenos, mundanos...

Pois é daí que vem a imagem da via Dutra. Desde 1969, aquela rodovia foi para mim a aula prática da transformação econômica da vida brasileira. A cada ano o Vale do Paraíba foi ganhando mais fábricas, que tinham como principal símbolo as fumaças coloridas em cinza-bronze que as chaminés jogavam no céu. Além disso, era visível o crescimento do fluxo de ônibus circulando pela rodovia em horários estabelecidos, levando e trazendo levas e levas de trabalhadores para o seu exercício diário de produção nas fábricas.

A outra imagem que o tempo não apagou – eu disse que eram duas – vem da minha adolescência e início da fase adulta. No princípio dos anos 80, a empresa de confecção que mais gerava empregos na minha cidade tinha como proprietário o José Alencar, que viria a ser vice-presidente do Brasil. Todo dia, um batalhão de pessoas passava pela rua onde eu morava, em horários definidos de ida e de volta, para cumprir sua jornada de trabalho.

Hoje, quem passa pela nova via Dutra vê fábricas cuja arquitetura mais parece com os belos shoppings centers, todas envoltas em vidro e sem chaminés. Já a fábrica do José Alencar, atraída por incentivos fiscais, migrou para a região da Sudene e foi reinventada. Hoje tem preços de confecções que são competitivos com os produtos chineses, pois poucos operários são necessários na linha de produção. Tudo é automatizado.

A economia é uma ciência com apenas duas leis. Em ciência, lei é uma afirmação observável em qualquer situação. Afinal, ao contrário do que se imagina, teoria só faz sentido se for observável na prática. Teoria sem prática é discurso fútil e vazio, é blá-blá-blá, é conversa pra boi dormir. Portanto, não é ciência. Pois, a lei dos Rendimentos Marginais Decrescentes, que se aplica a cada segundo em nossas vidas, é fruto da observação dos economistas ao processo de produção agrícola.

Já a segunda lei, a da Oferta e da Procura, também é derivada da agricultura e vale em qualquer situação das nossas vidas. Até mesmo em países socialistas ou capitalistas de economia dirigida, em que o Estado intervém no sistema de preços. O que é escasso é caro, o que é abundante é barato. Se a oferta é maior que a demanda, os preços caem. Se a demanda é maior que a oferta, os preços sobem. Safra e entressafra de produtos agrícolas e os seus preços decorrentes inspiraram esta segunda lei.

Apesar de a base da ciência econômica ter sido a agricultura, os economistas pouco sabem sobre o setor, pouco o estudam

Apesar de a base da ciência econômica ter sido a agricultura, os economistas pouco sabem sobre este setor, por que pouco o estudam. Mais que isso, o depreciam. Nós, economistas, ao longo da nossa formação profissional, aprendemos a pensar permanentemente na indústria. Os manuais e os professores nos dão exemplos sempre da vida urbana, pois eles são urbanos. Eles e os que ganham o Prêmio Nobel todo ano, desde os anos 80.

A criação do conceito de agronegócio pelos professores John Davis e Ray Goldberg, ambos da Universidade de Harvard, em 1957, contribuiu para inserir esse setor no ambiente acadêmico da economia e da administração. Isso se fortaleceu quando o professor Michael Porter, da mesma universidade, em 1985, revelou-nos o conceito de cadeia de valor. Mas, apesar dessas contribuições, o fato é que não mudou a lente dos nossos óculos. Portanto, ainda vemos o mundo pela lente da indústria!

E o que a trajetória da indústria nos ensina é muito claro, sem margem para especulações. No artigo publicado nesta seção na edição anterior, procurei mostrar que o surgimento da indústria levou a uma revolução no modo de viver. Com ela, passamos a ter a possibilidade da abundância na oferta de bens, em função do aumento de produtividade gerado pelas máquinas. Já, nos anos 80, tivemos outra ruptura no modo de produzir. Passamos a automatizar os procedimentos de rotina na indústria, em função da tecnologia de informação. Então, mais do que ter máquinas, passamos a ter máquinas que sabiam produzir sozinhas.

Foi isso que fez as fábricas da via Dutra terem outra arquitetura e também a Confecção Cometa, do José Alencar, ser outra empresa, diferente daquela que vi prosperar. As máquinas já não apenas substituíram a força humana, mas também assumiram as etapas de rotina no processo de produção, que antes dependiam da presença permanente do homem.

Ao longo de 1998 os economistas da Embrapa, IPEA e Fundação Getúlio Vargas produziram o primeiro estudo de competitividade das cadeias produtivas agrícolas brasileiras. Para nós, da Embrapa, foi uma experiência inusitada, pois fomos levados a estudar o mundo das fábricas de cada um dos produtos importantes do agronegócio brasileiro. Coube a mim estudar o setor lácteo, considerando todos os elos que o compõem. Naquela época, uma unidade fabril competitiva deveria processar pelo menos 400 mil litros de leite por dia. Para tanto, requiritava 287 colaboradores. Passados 16 anos, atualmente as empresas concebem plantas com capacidade para processar 2 milhões de litros de leite/dia e empregar até 80 pessoas, incluindo portaria e vigilância terceirizada. Portanto, a produtividade do trabalho, medida em litros de leite processados por trabalhador, cresceu de 1.400 litros por dia para 25.000 litros por dia, ou seja, cresceu 17,9 vezes em apenas 16 anos!

Esta transformação radical ocorrida na indústria não chegou ao primeiro elo da cadeia do leite, cuja produção ainda ocorre no Brasil usando de maneira intensiva a mão de obra. Isso é grave, pois é parte da expulsão de produtores da atividade. É preciso promover a automação de procedimentos de rotina, para todos os produtores. Sem isso, aplicar dinheiro público em assistência técnica é esterilizar riqueza potencial. Voltarei a este assunto no próximo mês, fechando a trilogia. O ano já começou. Feliz 2015! Acredite, será um ano bom!

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

ENTREVISTA: ALTINO RODRIGUES NETO, DO IMA

BALDE BRANCO

Ano 51 - nº 603 - janeiro 2015 - R\$ 10,50 - www.baldebranco.com.br

INVESTIMENTO

Em pouco mais de três anos, fazenda revela os acertos de um projeto que prioriza seleção de Jersey de alta produção no próprio rebanho e na genética que começa a comercializar

Quando e como a sucessão familiar deve ser avaliada

O que define a escolha de camas para as vacas

Leite em 2015: desafios entre oportunidades